

O Castro de Ota (Alenquer)

Por

ERNANI BARBOSA

Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

Descoberto e explorado por Hipólito Cabaço, encontra-se este castro situado no cimo de uma elevação jurássica, a cerca de 185 metros de altitude, na margem direita da Ribeira de Ota, sobre a qual pende a sua vertente oriental com tal inclinação, que a torna quase inacessível por este lado. (Fotografia N.º 1). Esta esplêndida defesa natural mantém-se nos flancos norte e sul, sendo apenas do lado ocidental que a defesa se tornaria mais difícil. (Fot. N.º 2). A fim de remediar esta deficiência foram construídas duas ordens de muralhas, cujos vestígios foram identificados pelo explorador do castro. A entrada ficava no extremo sul desta fortificação e, dominando tal passagem, foram identificados restos de uma construção que devia defender-lhe o acesso. Dentro foram encontrados vários fundos de cabanas circulares e também rectangulares, estas mais raras.

O que há de mais notável a assinalar neste castro é, por um lado, a cerâmica, de que há grande quantidade de fragmentos, de grande riqueza de decoração, e por outro lado, o extraordinário poder de sobrevivência que revela, pois o seu espólio alonga-se desde os primeiros tempos do Neolítico para só terminar durante o domínio árabe. Dentre os seus restos assinalam-se machados polidos, alguns muito antigos e de grandes dimensões, cerâmica e pontas de seta eneolíticas, cerâmica de incisões profundas, objectos de cobre ou bronze, ferro, e finalmente, cerâmica romana aretina, denários da República, placas de barro decoradas e até moedas árabes, segundo informações do descobridor do castro, mas que não fazem parte do espólio actualmente na posse do Museu Municipal de Alenquer, com o restante material.

Actualmente encontra-se o terreno do castro plantado de pinheiros, o que veio prejudicar o seu futuro estudo, dado que a sua exploração foi apenas parcial. (Fots. N.ºs 3 e 4).

A oriente do castro, na margem esquerda da Ribeira de Ota, vêem-se algumas grutas artificiais, que não devem ser-lhe de modo algum estranhas e bem mereciam ser exploradas. Na mesma direcção estende-se a charneca imensa, em cujos terrenos terciários se ergue a elevação jurássica do Monte Redondo. (Foto N.º 5).

É o seguinte o espólio do castro, pertencente ao Museu Municipal de Alenquer:

I — OBJECTOS DE USO COMUM

A) DE PEDRA

— machados, polidores, percutores, etc.

— machado de dimensões enormes, do tipo mais antigo, de secção oval e mal polido, de superfície irregular e picada, de anfibolite esverdeada clara, terminando em ponta na extremidade oposta ao gume, que é curvilíneo. Mede 350 mm de comprimento, 59 mm no eixo menor e 71 mm no maior. (Fot. N.º 6, 1).

— machado muito grande, embora mais pequeno que o anterior, talvez mais antigo, de superfície mais rugosa e picada, com polimento apenas junto ao gume. É também de secção oval e, tal como o anterior, termina em ponta arredondada. Gume curvilíneo. Tem já dimensões mais modestas: 238 mm de comprimento, 69 mm no eixo maior e 58 mm no menor. (Fot. N.º 7, 1).

— machado do mesmo tipo dos anteriores mas menos rugoso e truncado na extremidade oposta ao gume. Mede de comprimento 206 mm e 53 mm e 66 mm nos eixos. (Fot. N.º 7, 3).

— ainda outro machado do mesmo tipo e envergadura mas de acabamento mais perfeito quanto ao polimento, se bem que no gume seja muito mais espesso que os anteriores. Fracturado no talão. Mede 207 mm de comprimento e 69 mm de largura no eixo maior e 54 mm no eixo menor. (Fot. N.º 7, 2).

— machado ainda do tipo dos anteriores mas de dimensões mais reduzidas. Pela cor negra, aspecto geral, polimento, etc., é muito semelhante ao anterior. Mede de comprimento 160 mm, e 44 mm e 57 mm nos dois eixos. (Fot. N.º 6, 2).

— outro machado ainda do mesmo tipo mas já de dimensões vulgares, de polimento muito imperfeito. Tem de comprimento 110 mm e mede 22 mm e 48 mm nos dois eixos. (Fot. N.º 8, 4).

— pequeno machado do mesmo tipo. Mede: 98 mm de comprimento, 21 mm e 33 mm nos eixos. (Fot. N.º 8, 6).

— ainda outro machado de secção oval, com vestígios de ter sido usado como percutor. (Fot. N.º 8, 1).

— outro machado do mesmo tipo também com indícios de percussão. (Fot. N.º 8, 2).

— pequeno machado do mesmo tipo mas espalmado. (Fot. N.º 8, 7).

— machado bipene de anfibolite, com o comprimento de 195 mm, largura máxima de 31 mm e 22 mm de espessura. (Fot. N.º 8, 5).

— e ainda quatro fragmentos de machados, nove percutores e quinze polidores.

— *núcleos, raspadeiras, lascas, lâminas, etc.*

Eleva-se a algumas centenas o número destes objectos, de sílex e de quartzite, dos mais variados tamanhos, formas e espessuras, das quais destacamos os seguintes:

— sete núcleos de extracção de pequenas facas. (Fot. N.º 9, primeiras sete peças).

— uma raspadeira de sílex. (Fot. N.º 9, oitava peça).

— oito lâminas e duas pequenas facas. (Fot. N.º 10, primeiras dez peças).

B) METÁLICOS

São numerosos os fragmentos de objectos de cobre e de bronze existentes no espólio desta estação, na sua maior parte pertencentes à época romana, entre os quais se contam furadores, fíbulas, formões, argolas e um machado achatado. (Fot. N.º 11); fragmentos de objectos difíceis de identificar, uma argola, etc. (Fot. N.º 12); e outros idênticos (Fots. N.ºs 13 e 14).

De ferro há um prego e fragmentos de objectos indeterminados (Fots. N.ºs 13 e 14).

Dentre os objectos metálicos cabe ainda referir quatro de chumbo, maciços, um dos quais, cilíndrico e com um orifício, está reproduzido na Fot. N.º 13, penúltima peça.

II — ARMAS

A) LÍTICAS

— *pontas de punhais ou de lanças*

De 18 destes objectos, quase todos fracturados, reproduzem-se quatro na Fot. 9, quatro últimas peças. Já a propósito do castro da Pedra de Ouro tivemos

ocasião de referir várias opiniões acerca da utilidade destes objectos, citadas por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay no seu trabalho sobre Vila Nova de S. Pedro ⁽¹⁾. Dada a forma destes objectos, continuamos a partilhar a opinião de Breuil referida na mesma obra.

— *pontas de seta e outras*

Entre centenas de peças que parecem indicar trabalho de oficina, encontravam-se algumas esboçadas com forma de pontas, demasiado grandes para serem consideradas pontas de seta, e de que se reproduzem oito na Fot. 9, 2.^a fila. Também as pontas de seta são em número elevado, tal como sucede na Pedra de Ouro. A sua disposição no Museu de Alenquer tornou impossível a sua reprodução fotográfica em maior número, limitando-nos às 12 que se vêem na Fot. N.º 9.

B) METÁLICAS

Nesta categoria cabe citar uma folha de punhal, uma ponta de seta e duas folhas de lança com alvado de encabamento, de nervura central e de grandes dimensões, uma das quais partida. (Fot. N.º 11).

III — OBJECTOS DE VESTUÁRIO E ADORNO

Incluimos nesta classe uma série de objectos de osso, em que se distinguem espátulas, furadores, alfinetes de cabeça torneada (Fot. N.º 10), bem como algumas rodela de barro furadas, talvez usadas como botões (Fot. N.º 14). Entre os objectos de cobre e bronze muitos há que podemos incluir aqui: o resto de um anel ainda com a pedra encastoadada, duas agulhas com fundo, uma prismática e a outra cilíndrica (Fot. N.º 12), fivelas e fíbulas (Fots. N.ºs 12, 13 e 14).

IV — OBJECTOS DE CULTO E AMULETOS

— *machados votivos*

São vários os machados a que cremos poder atribuir este significado. Um é um belo machado de mármore branco-amarelado, de faces triangulares alongadas.

⁽¹⁾ in «Brotéria», Vol. XXXIV, fasc. 6, Junho de 1942.

Um dos seus bordos é rectilíneo e o outro é curvilíneo, bem como a base. Mede 160 mm de comprimento, 47 mm de largura e 17 mm de espessura. (Fot. N.º 8, 8).

Um outro machado parece também ser de mármore salpicado de negro e é de ínfimas dimensões, perfeito na forma e no polimento, de faces triangulares e gume ligeiramente curvo. Mede 35 mm de comprimento, 23 mm de largura na base e tem 5 mm de espessura. (Fot. N.º 10).

Também alguns instrumentos de grandes dimensões podem ser considerados de carácter votivo, segundo o Sr. Prof. Manuel Heleno ⁽²⁾. Cremos poder incluir nesta categoria o machado representado na Fot. N.º 6.

Um seixo reniforme e com incisões num dos lados parece ter também um significado mágico ou religioso. Poder-se-á talvez dizer o mesmo de um coçoiro, em tudo idêntico aos de barro mas cuja matéria é o osso, leve demais, portanto, para cumprir a habitual função de tais utensílios. (Fot. N.º 10).

Os amuletos ou objectos de esconjuro estão representados por uma série de dentes de suídeos com um orifício de suspensão junto de uma das extremidades. Sobre a sua função diz o Prof. Leite de Vasconcelos que seriam «talvez para livrar de odontalgias e se evitarem os acidentes funestos da dentição», compreendendo-se assim que um tal amuleto seja um dente, porque é para este que se pretende que passe o malefício ⁽³⁾. Quanto à preferência pelos dentes de certos animais (*sus*, *felis* e *canis*) nada se pode dizer, a menos que ela signifique apenas abundância deles.

Ainda como amuletos devem decerto ser considerados um fragmento de osso de forma irregular, furado, e uma curiosa figura zoomórfica, também de osso, que parece representar um leporídeo. (Fot. N.º 10, duas últimas figuras).

V—CERÂMICA

Não há um só vaso inteiro no espólio cerâmico deste castro que é, todavia, de grande riqueza e variedade decorativa e de várias épocas. Dentre a enorme quantidade de fragmentos da cerâmica de tipo castrejo, com incisões largas e profundas, reproduzem-se apenas os diferentes tipos de decoração, que é de grande variedade: espinhas, pequenos traços paralelos e oblíquos formando faixas horizontais (Fot. N.º 15, 1), zigue-zague, losangos feitos a traço por traço (Fot. N.º 15, 3 e 7, e Fot. N.º 16, 11) e ainda uma rede de losangos menos profundos, numa faixa (Fot. N.º 15, 5). Os losangos decorados apresentam três variedades: lisos alternando com reticulados (Fot. N.º 16, 8); encanastrados (losangos decorados a

(2) M. Heleno: «Notícia de alguns instrumentos neolíticos de grande comprimento», Lisboa, 1933.

(3) J. Leite de Vasconcelos: «Religiões da Lusitânia», Vol. I, pág. 133.

cheio por meio de linhas paralelas), apenas num pequeno fragmento (Fot. N.º 16, 15); e um tipo decorativo curioso, consistindo numa fila de losangos unidos pelos vértices e com os espaços entre eles preenchidos por séries de cinco ou seis pequenos traços levemente incurvados. (Fot. N.º 16, 9). Há ainda um motivo de faixa que se traduz numas séries de traços oblíquos ora para a direita ora para a esquerda, originando entre eles triângulos de lados ligeiramente côncavos. (Fot. N.º 16, 2, 3(?), 7 e 10). As linhas horizontais formadas por pequenos traços (a carretilha?) de que há variados exemplares na Pedra de Ouro, estão aqui representados por um só exemplar. (Fot. N.º 16, 14).

Um curioso fragmento de bordo com asa em forma de cabeça de ave apresenta uma decoração estampilhada por meio da aplicação de uma matriz circular pontuada mas sem regularidade e sem seguir um plano decorativo, aparecendo em vários pontos da peça: por baixo de uma faixa decorada a zigue-zague, em toda a parte superior do bordo e até na asa, aqui talvez para indicar os olhos da ave. (Fot. N.º 16, 1).

Também aparece um único exemplar de vaso pintado, com uma série de linhas paralelas e horizontais de cor esbranquiçada, não certamente a original. (Fot. N.º 16, 4).

A cerâmica romana está representada por dois tipos: de «terra sigillata», com decoração variada (Fot. N.º 17, 1 a 6 e 8 a 11), e uma outra, de pasta clara (Fot. N.º 17, 12 a 23), em cujos fragmentos se salientam: um bordo decorado (15), um fragmento com dois mamilos (17) e a asa de uma lucerna (23). O N.º 7 representa um fragmento de um objecto de vidro oco de forma cilíndrica, com fundo.

As placas de barro são aqui menos numerosas que na Pedra de Ouro, não atingindo duas dezenas, de quatro orifícios, rectangulares e lisas. Os cossoiros atingem o número de 24.

VI — RESTOS DE ANIMAIS

Tal como no Castro da Pedra de Ouro, condescendeu amavelmente o Sr. Dr. G. Zbyszewski em classificar os restos da fauna deste castro, tendo reonhecido os seguintes géneros e espécies:

Mamíferos :

— *bos, sus, equus, cervus, canis, meles taxus.*

Peixes :

— um osso do ouvido e vértebras de teleósteos.

Moluscos conchíferos marinhos :

— *cardium edule, limnea, pectunculus, tapes decussatus e easthonia rugosa.*

A VIDA DOS HABITANTES DO CASTRO

Este castro apresenta-se-nos com características bem diferentes do outro castro da região de Alenquer, o Castro da Pedra de Ouro. De todas elas, porém, a que oferece maior contraste é a sua grande vitalidade, pois que, enquanto o da Pedra de Ouro deixa de ser habitado nos tempos eneolíticos, este prolonga-se, ao que parece, até para além da época romana, sobrevivendo sempre às mais diversas influências exteriores, documentadas no seu espólio.

A sua actividade agrícola não se encontra documentada. Quanto à criação de gado, não é de excluir que se tenha praticado, o que talvez explique a relativa abundância dos restos de algumas espécies animais, suídeos e bóvidos principalmente. No que diz respeito aos canídeos, apenas representados por alguns dentes, é muito difícil afirmar se se trataria já de cães domesticados ou simplesmente lobos ou raposas, que deviam abundar.

Vejam agora, perante o restante espólio, o que se poderá concluir acerca da sua actividade industrial. Nos domínios da cerâmica está ela bem patenteada por numerosos exemplares de várias pastas e decorações, que vão desde a cerâmica mais antiga, com uma decoração imperfeita e irregular, até à bela cerâmica incisa. Por sua vez, a existência de cerâmica romana no castro indica que nesta época os seus habitantes, embora deixassem assinalada a proximidade daquela civilização através de restos de objectos por certo provenientes de trocas, souberam furtar-se, pelo menos de início, ao apelo assimilador dos colonizadores romanos, mantendo-se no alto do seu monte fortificado.

Devia este povo confeccionar já rudimentares peças de vestuário o que, além da existência de placas de barro e cossoiros, nos é testemunhado pelos alfinetes de osso e até por duas agulhas metálicas, estas já contemporâneas da dominação romana.

Há bastantes machados polidos neste espólio e é curioso salientar que todos eles representam a época mais antiga do Neolítico, o que, se por um lado confere ao castro maior antiguidade, por outro, deixa-nos um tanto perplexos pela ausência de machados prismáticos contemporâneos dos primeiros objectos metálicos.

O material de bronze é um dos mais representados, na sua maior parte, porém, já de fabrico romano.

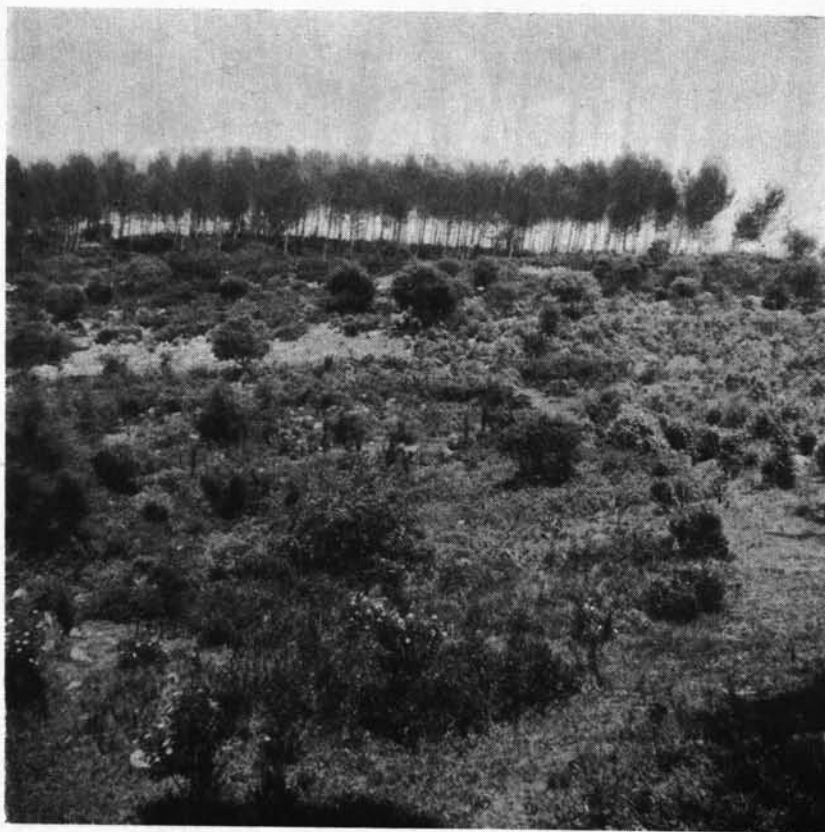
Também este povo não se nos manifesta com grande aparato bélico, pois à parte as pontas de seta, há somente alguns restos de armas metálicas. Contudo a falta de qualquer material não nos deve conduzir a conclusões negativas categóricas, não só porque a exploração deste castro está longe de ter sido completa, como ainda o facto da surpreendente persistência que manifesta através dum longo período nos mostrar como os seus povoadores puderam permanecer à parte das transformações por que devem ter passado com mais frequência os povos de regiões mais baixas. Mesmo em presença de uma civilização como a romana mantiveram a sua posição e decerto pouco se deixaram penetrar pelos seus usos e costumes, o que tem tanto mais valor quanto é certo sabermos que a política romana de ocupação tendia a atrair para os vales as populações castrejas.

Resta falar das suas crenças religiosas patenteadas por dois tipos de machados, uns demasiado pequenos e os outros demasiado grandes para que os pudéssemos considerar objectos de uso comum e que decerto serviam uns para colocar junto dos seus mortos, sendo os outros talvez verdadeiros objectos de culto. Ora é precisamente quanto ao enterramento dos seus habitantes que se verifica uma importante lacuna nas explorações até agora efectuadas neste castro. Eis porque pensamos que estaremos na posse da solução deste problema quando as grutas artificiais da Ribeira de Ota forem convenientemente exploradas e cuidadosamente estudadas.

A sua persistência até à época árabe deve por enquanto ser admitida sob reserva, dada a falta de provas mais concludentes.



Fot. 1



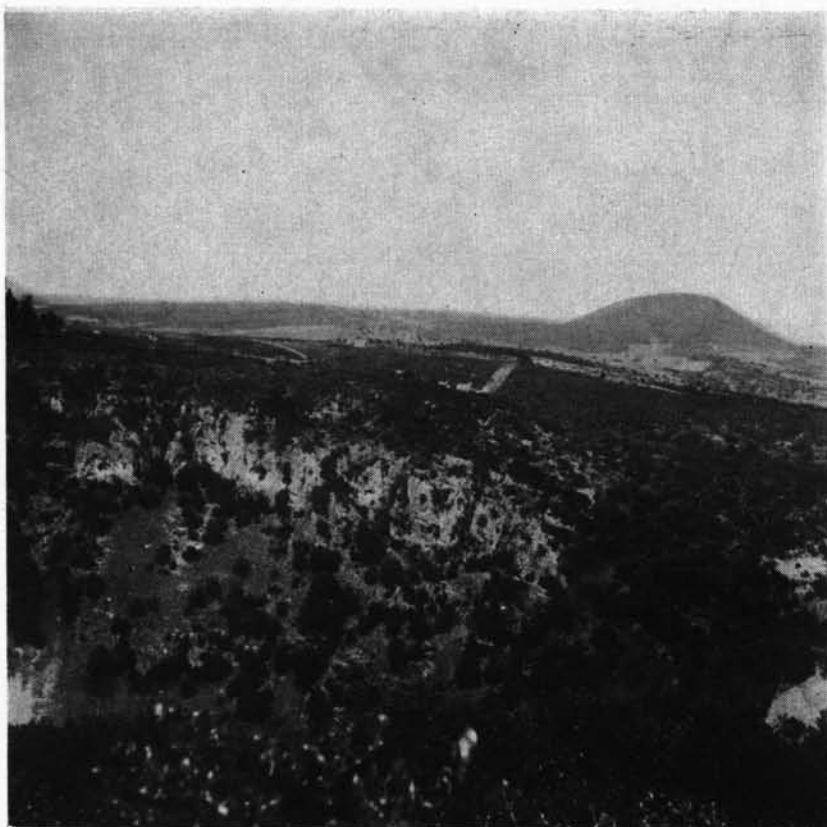
Fot. 2



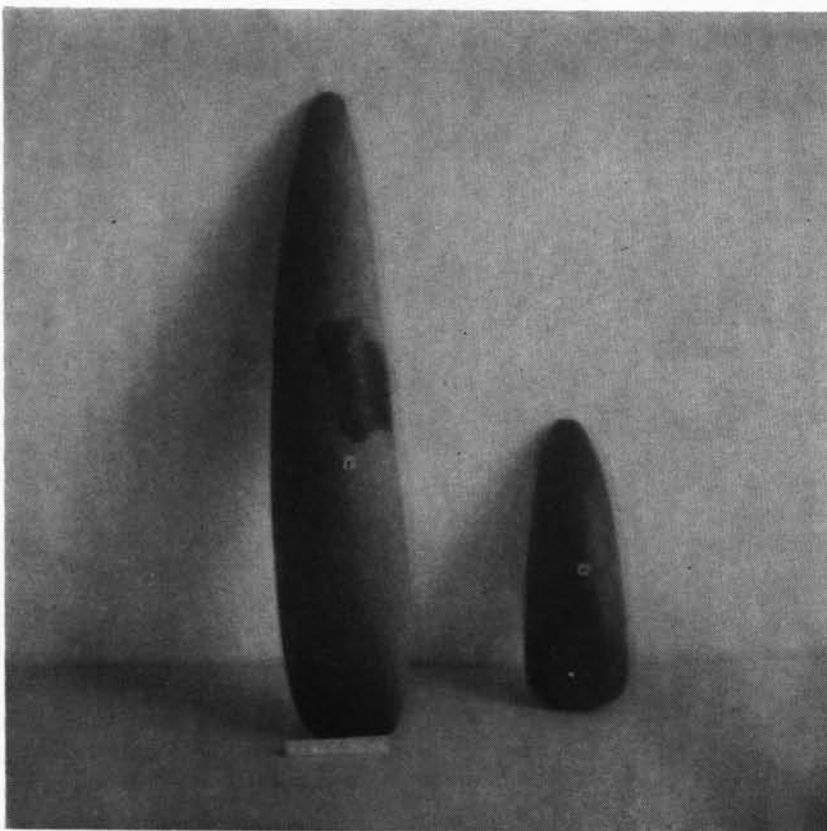
Fot. 3



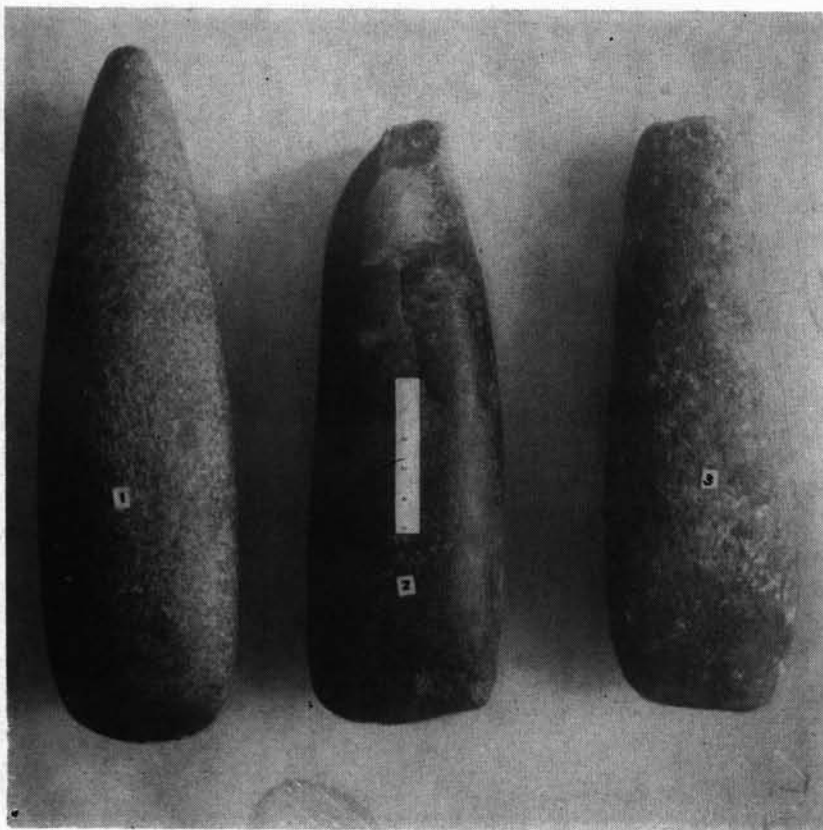
Fot. 4



Fot. 5



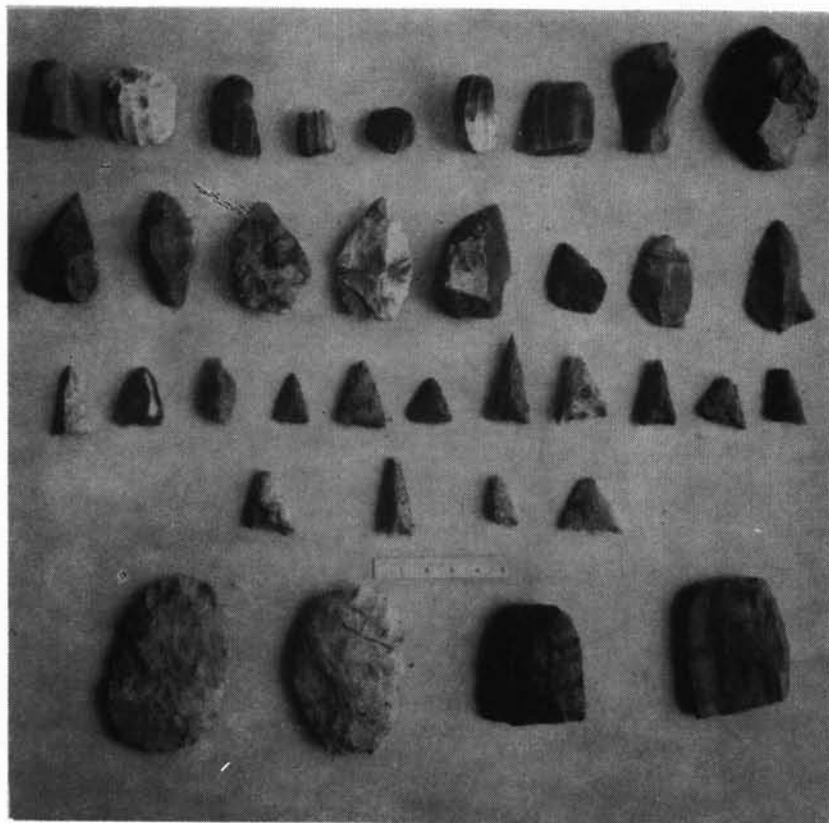
Fot. 6



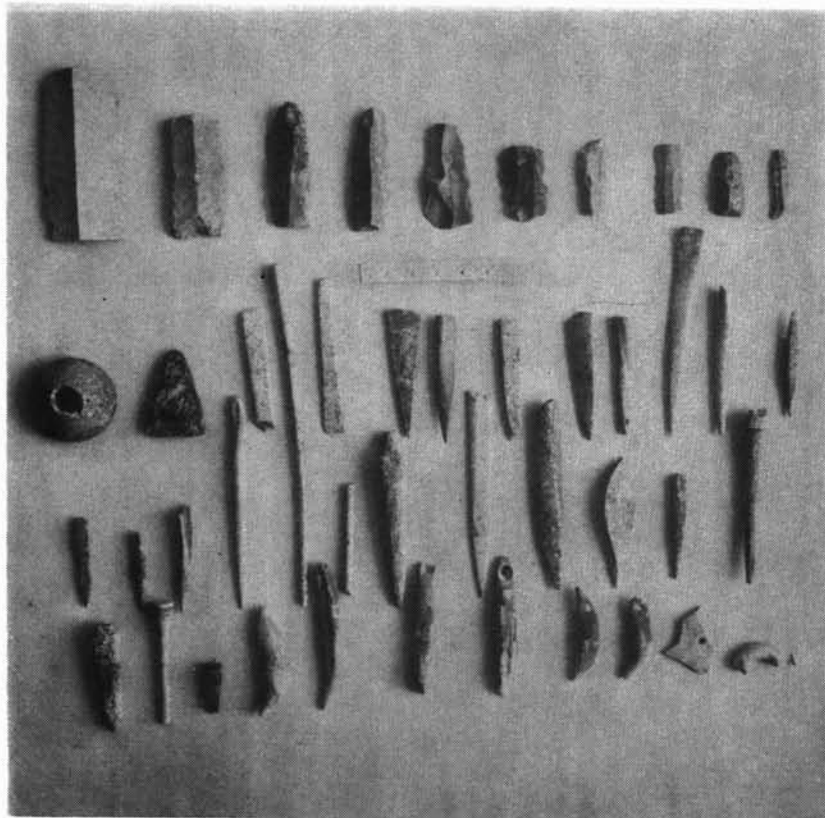
Fot. 7



Fot. 8



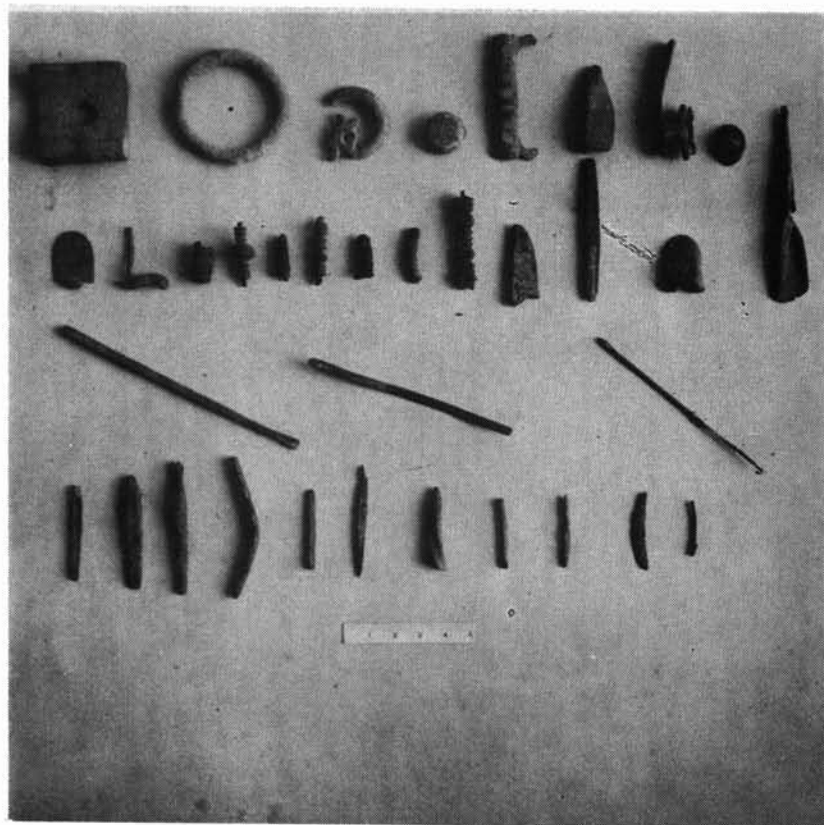
Fot. 9



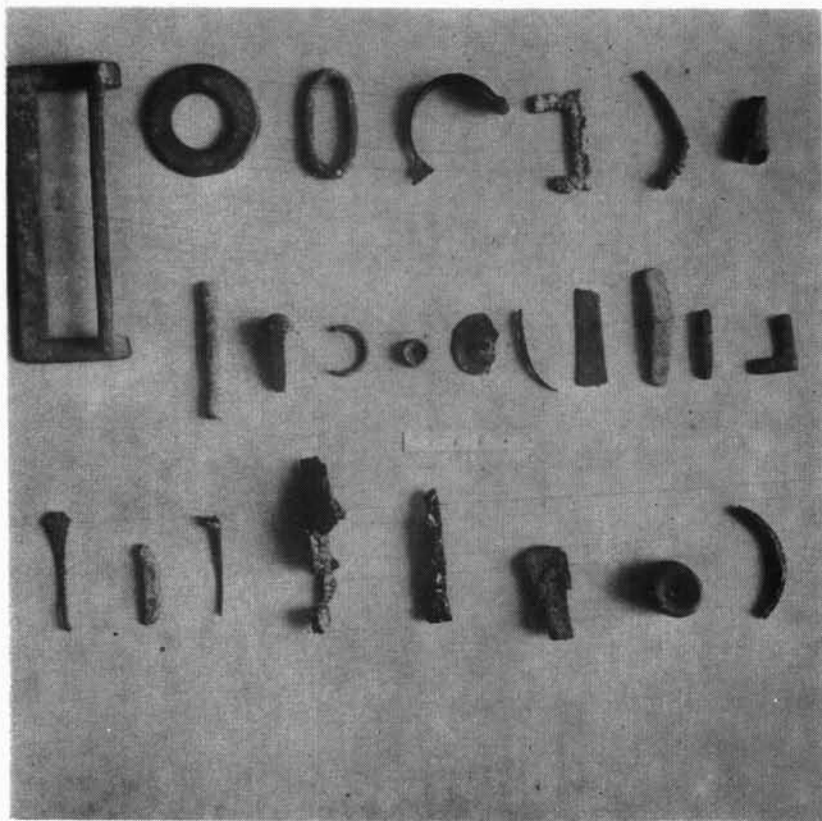
Fot. 10



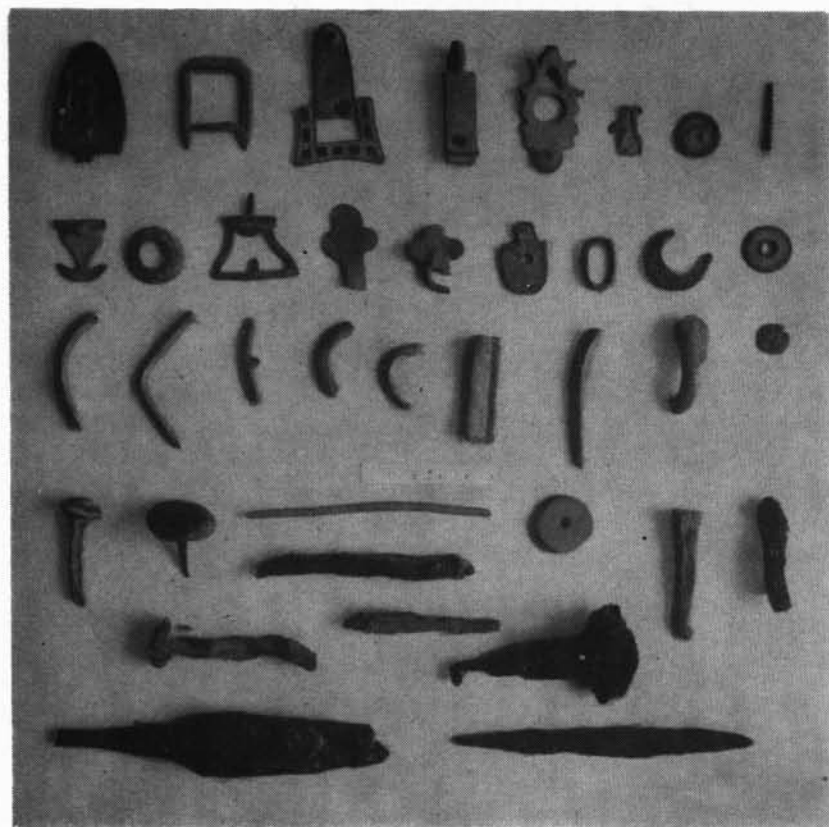
Fot. 11



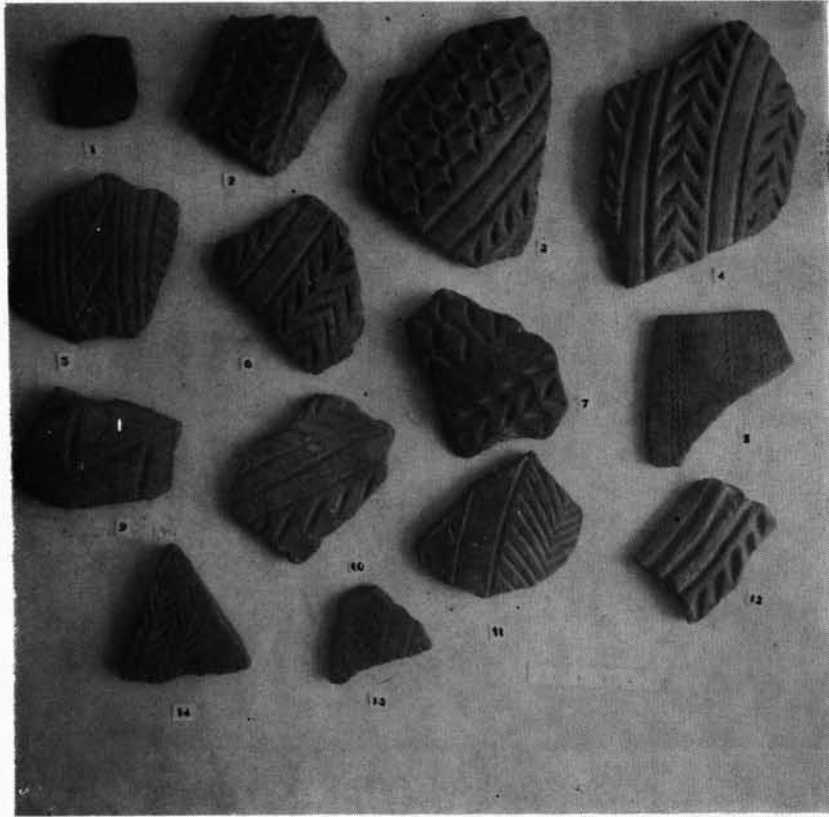
Fot. 12



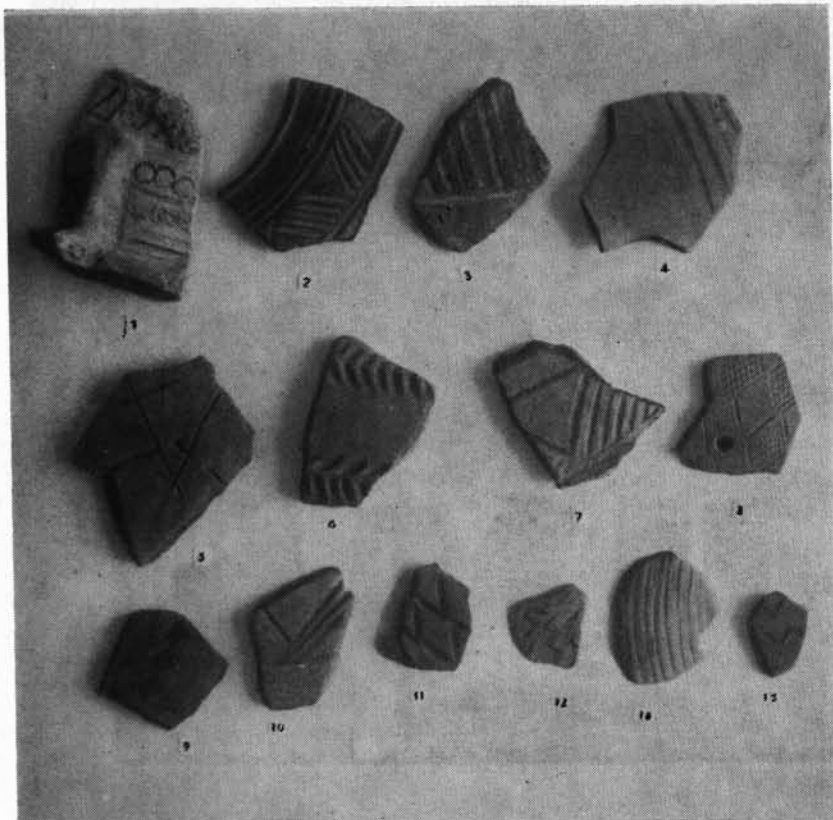
Fot. 13



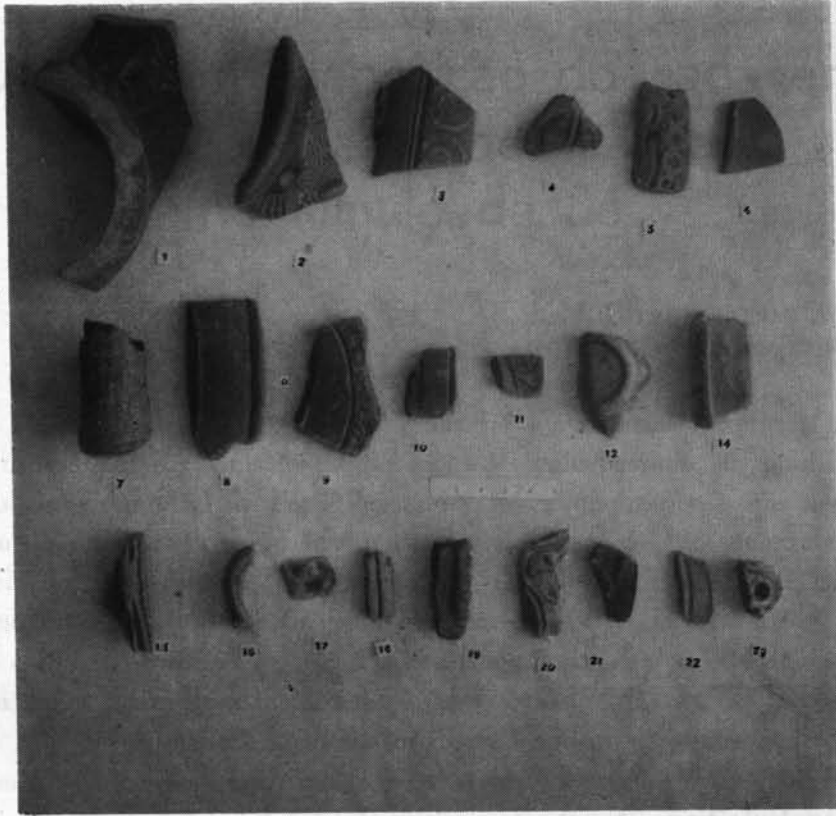
Fot. 14



Fot. 15



Fot. 16



Fot. 17

... singularmente que se encontra...
... das muitas fusturas...
... da História em 1904.

... de Castella, ou, mais rigorosamente,
... Xavier da Cunha (1).

(1) *Revista de História da Arte*, vol. 1, p. 102.
...
...
...
...